

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO - UFRPE**  
**UNIDADE ACADÊMICA DE GARANHUNS – UAG**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**GISELE BRITO DE ARAÚJO ROCHA**

**ALFABETIZAÇÃO CARTOGRÁFICA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO  
FUNDAMENTAL: UM DESAFIO PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA**

**GARANHUNS**

**2019**

GISELE BRITO DE ARAÚJO ROCHA

**ALFABETIZAÇÃO CARTOGRÁFICA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO  
FUNDAMENTAL: UM DESAFIO PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Pedagogia pelo Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal Rural de Pernambuco - Unidade Acadêmica de Garanhuns.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Paula Rejane Lisboa da Rocha

GARANHUNS

2019

GISELE BRITO DE ARAÚJO ROCHA

**ALFABETIZAÇÃO CARTOGRÁFICA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO  
FUNDAMENTAL: UM DESAFIO PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Pedagogia pelo Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal Rural de Pernambuco - Unidade Acadêmica de Garanhuns.

Aprovado em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Paula Rejane Lisboa Rocha – UAG/UFRPE (Orientadora)**

---

**Anderson Fernandes de Alencar – UAG/UFRPE (Examinador)**

---

**Samuel Othon de Souza – UAG/UFRPE (Examinador)**

# ALFABETIZAÇÃO CARTOGRÁFICA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: UM DESAFIO PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA

Gisele Brito de Araújo Rocha<sup>1</sup>  
Paula Rejane Lisboa da Rocha<sup>2</sup>

## RESUMO

O presente artigo pretende analisar a importância do ensino da alfabetização cartográfica no ensino de Geografia dos anos iniciais do ensino fundamental. Para o estudo foi realizado um levantamento bibliográfico voltado para a alfabetização cartográfica, no intuito de discutir a importância de aprender a Cartografia nos anos iniciais a partir da leitura de espaços vividos pelos indivíduos. Como aporte teórico, utilizou-se Callai (2005), Simielli (2010) e Castellar (2000) para tratar o ensino de Cartografia na perspectiva da alfabetização cartográfica, visto que o estudo apresenta a seguinte problemática: Como o ensino de Geografia nos anos iniciais abordam a alfabetização Cartográfica rompendo com o caráter tradicional de ensino? Percebe-se que a alfabetização cartográfica nos propõe um ensino diferenciado, levando o aluno a realizar uma leitura de mundo a partir do seu cotidiano, indo além da mera decodificação de símbolos e lugares como no ensino tradicional da Geografia.

**Palavras-chave:** Cartografia. Alfabetização Cartográfica. Anos Iniciais.

## INTRODUÇÃO

Este artigo é fruto de questionamentos que surgiram durante a minha trajetória no Curso de Licenciatura em Pedagogia desde 2015, iniciado na Universidade Federal Rural de Pernambuco/UFRPE, na Unidade Acadêmica de Garanhuns/UAG. Ao longo desta jornada acadêmica pude perceber como me identificava com algumas disciplinas em especial com a disciplina de Geografia e a partir disto, me surgiu um questionamento sobre a alfabetização Cartográfica a qual me despertou um interesse maior, de como acontecia esta alfabetização e de que forma era incentivada a prática de ensino.

Posteriormente, mais precisamente no sétimo período, tive a oportunidade de trabalhar com mapas mentais e noções de localização em atividades voltadas para os anos iniciais, então percebi muitas dificuldades dos colegas em desenvolverem atividades tão elementares da cartografia. Com isso, me senti motivada em investigar qual é a importância de se ter uma prática pedagógica voltada para o processo de

---

<sup>1</sup> Graduanda do curso de Pedagogia da Universidade Federal Rural de Pernambuco/Unidade Acadêmica de Garanhuns (UFRPE/UAG).

<sup>2</sup> Professora Substituta da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE/UAG) e orientadora deste trabalho.

alfabetização cartográfica das crianças, para tanto, foi utilizado como metodologia a pesquisa bibliográfica. Na mesma perspectiva de investigação, direcionei os meus estágios supervisionados para aprofundar o meu caráter de pesquisa sobre o ensino de Cartografia nos anos iniciais e metodologicamente falando, a opção em analisar o incentivo da prática pedagógica voltada para a alfabetização cartográfica nos primeiros anos do ensino fundamental, surge pela importância que ele adquire como material didático e norteador das aulas de Geografia.

Tendo em vista que alfabetização cartográfica precisa ser inserida a partir da leitura de mundo, da vida e do espaço vivido (CALLAI, 2005, p. 227), portanto, é importante que se inicie a partir do momento que a criança começa a reconhecer lugares e consegue identificar tipos de paisagens em que ela mesma frequenta ou frequentou, então, como seria possível trabalhar nesta perspectiva? Ora revendo o ensino de Geografia, pois o trabalho mais tradicional de fragmentar mapas, colorir desenhos, dividir estados e capitais e com isso tirando o significado do aprendizado já não poderia mais ser feito pois não teria muito a contribuir com o processo de alfabetização cartográfica, pois este trabalho em muitas ocasiões pode ser visto com um processo limitador do desenvolvimento do indivíduo.

Podemos afirmar que a alfabetização cartográfica para a criança é relevante, pois é a partir desta inserção da cartografia em sua vida que este indivíduo reconhecerá o seu lugar no mundo. Desta forma, compreenderemos como vem sendo abordado o ensino de cartografia na prática pedagógica do professor, analisando como a teoria tem contribuído para o desenvolvimento das percepções ambientais, sociais e políticas do sujeito. Tendo como objetivo geral: analisar o ensino da cartografia nos anos iniciais a partir da perspectiva de uma alfabetização cartográfica. E como objetivos específicos: identificar a importância de uma alfabetização cartográfica; compreender o ensino de cartografia e a sua relação com as atividades pedagógicas voltadas para a alfabetização cartográfica; problematizar a utilização do livro didático no ensino da alfabetização cartográfica.

Diante das limitações este trabalho tem por tipo de estudo a pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa, que segundo André e Ludkle (2012, p. 38) pode ser entendida como sendo: “análise documental pode-se constituir numa técnica valiosa de dados qualitativos, seja complementando as informações obtidas por outras técnicas seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema”. E sobre a relevância e o incentivo do ensino da cartografia em sala de aula desde os anos iniciais

foi utilizado como aporte os teóricos: Callai (2005), Simielli (2010) e Castellar (2000), que nos auxilia na compreensão sobre a inserção da Alfabetização Cartográfica na infância, auxiliando-a assim para a vida futura em alguns aspectos de sua vida.

O livro didático também foi levado em consideração nesta pesquisa bibliográfica, visto o seu caráter central como material didático nas aulas de Geografia. Para os teóricos Choppin (2008) e Gil (2004) o livro didático quando é entendido como documento histórico torna-se complexo, pois assume múltiplas funções para nós enquanto pesquisadores, precisamos selecionar as questões que se identificam com nossos objetivos ou quando o mesmo não passou por uma análise, uma vez que reelaborados com os objetivos pretendidos. E além disso compreender qual o papel do livro didático em sala de aula, este produto nos serve como um suporte para trabalhos e produções, ele não pode estar no papel de protagonista.

## **1 O ENSINO TRADICIONAL E A CARTOGRAFIA**

É possível observar que muito se tem discutido sobre o ensino de Geografia nas salas de aulas, são diversas as possibilidades apontadas referente a uma nova realidade que envolve esta Ciência. São pensamentos voltados a como dar um novo sentido para o ensino da Geografia, pensar em um novo método que incentive o aluno a sentir necessidade de refletir, raciocinar, ter criticidade. Com estas construções de conhecimento que este indivíduo possa ter capacidade de análise e de interpretação do espaço em que vive.

É importante que o professor atual reveja conceitos em seu ensino tradicional, aquele voltado para o ensino bancário, no qual apenas o professor é detentor de todo o conhecimento e o aluno só ouve e reproduz, dando isso um grande espaço para que este estudante traga poucos comentários ou uma rasa participação em sala de aula com pouco ou nenhum espaço para análise e crítica. Como podemos perceber em Souza et al (2009, p. 03) ao afirmar:

O objetivo do enfoque tradicional na prática docente é a transmissão do conhecimento pelo professor, o qual deve ser assimilado pelos alunos. A base desse enfoque está na seleção dos conteúdos, no ensino enciclopédico, sendo estes, geralmente descolado do cotidiano dos alunos. O docente privilegia a aula expositiva tornando assim, o aluno um memorizador dos conteúdos.

Partindo dessa perspectiva, podemos analisar que desta forma o estudante que está inserido em um contexto de sala de aula na qual este sujeito não tem a oportunidade de debater, questionar, discutir e raciocinar por si só, está sendo silenciado podendo assim futuramente em algumas situações prejudicar seu

aprendizado interferindo na capacidade de se transformar em cidadão crítico e reflexivo, capaz de reconhecer seus direitos de expressão, questionamentos e de expor sua visão de mundo, desta forma também vem sendo privado na construção do conhecimento neste âmbito educacional.

Por várias décadas a educação tradicional vem sendo de grande uso em algumas escolas. Podemos observar a prática de ensino em que o professor se “prende” a uma escrita exacerbada na lousa e as atividades baseiam-se em “mecânica repetitiva”, ou seja, trazem muitas atividades de reprodução. Segundo Libâneo (2002) podemos encontrar nas escolas diversos tipos de professores, desde os mais tradicionais que são aqueles que conduzem suas aulas sempre da mesma maneira e isso podemos dizer que independe do nível da turma e do ano, até mesmo da idade dos alunos. Ainda como não sendo suficiente espelham esse mesmo material em uma prova, incentivando cada vez mais o método de decorar conteúdo. Temos exemplos de profissionais que se preocupam com a realidade educacional de seus alunos, porém, não fogem da perspectiva tradicional na hora de cobrar seus alunos os resultados atrelados a produtividade, isso também inclui sobre o prisma avaliativo como forma punitiva, ao invés de aproveitar o aprendizado e o nível de conhecimento daquele educando.

A metodologia empregada pelo professor em sala de aula, de certo modo influencia na forma de aprendizagem do indivíduo. Podemos afirmar que cabe ao docente buscar diferentes mecanismos de construção de conhecimentos para que desta forma seja incentivado nos alunos o desenvolvimento do senso crítico, o interesse de construir o seu próprio pensar, com isso levar em conta o meio social em que o sujeito está inserido e sua capacidade (BRASIL, 1998; LIBÂNEO, 2002). Libâneo afirma:

O papel do professor, portanto é o de planejar, selecionar e organizar os conteúdos, programar tarefas, criar condições de estudo dentro da classe, incentivar os alunos, ou seja, o professor dirige as atividades de aprendizagem dos alunos a fim de que estes se tornem sujeitos ativos da própria aprendizagem (LIBÂNEO, 2002, p. 06).

É preciso que o professor para ser mediador, leve em conta alguns critérios, como condições sociais, econômicas e psicológicas dos envolvidos para desenvolver uma boa aprendizagem, além das escolhas dos conteúdos. Os meios pedagógicos que funcionam como uma ferramenta de apoio, vem evoluindo com o tempo e ajudam a desempenhar de maneira proveitosa a prática, por isso, é importante serem

escolhidos de uma forma minuciosa, é tanto que necessita se adequar ao grau de desenvolvimento dos alunos, ou seja, de acordo com a maturidade de cada um.

É notório observar que em relação ao ensino de Geografia, existe uma grande deficiência por parte de alguns professores principalmente no ensino da Cartografia. O fato de trabalhar apenas pinturas em mapas, indicar partes isoladas de capitais ou siglas, quantidades de estados e capitais, entre outros aspectos do ensino tradicional de Geografia, de certa forma não precisa ser excluído, porém o profissional precisa trabalhar com fundamentações e contextos para que a criança não venha ser prejudicada, memorizando informações de forma desconectada. Callai (2005, p. 229), descreve o ensino da Cartografia tradicional como sendo:

Caracterizada pela enumeração de dados geográficos e que trabalha espaços fragmentados, em geral opera com questões desconexas, isolando-as no interior de si mesmas, em vez de considerá-las no contexto de um espaço complexo.

Trazer o ensino de uma forma investigativa, com uma intencionalidade construtiva, esse é o objetivo. Diante da complexidade que se envolve o ensino da Geografia Escolar, podemos afirmar que se faz necessário aprendê-la pois é essa superação de dificuldades enfrentadas tanto por professores ao lecionar e em várias situações que não se tem o domínio do assunto, bem como por alunos por não encontrar sentido algum na aprendizagem desse campo, que existe a necessidade de aprender e ver na dificuldade um alicerce para aprimoramento.

Callai (2005) menciona que é de suma importância definir os conceitos mais relevantes para se fazer a análise Geográfica, pois se já existe uma dificuldade de assimilação por parte do professor para aplicar no ensino de cartografia em sala de aula, essa dificuldade quando parte do aluno é potencializada, visto que o aluno não desfruta do aparato teórico que tem o professor e estando ele no ensino fundamental (anos iniciais), ainda há outro agravante, o domínio da leitura. Segundo Simielli (2010), um aluno de 5ª ano, obviamente, não tem o mesmo potencial de leitura que um aluno do ensino médio, conseqüentemente terá muito menos informações do que este. Surge então, a proposta de trabalhar com a alfabetização cartográfica, pois a partir do momento que a criança entra em contato com seus primeiros mapas e elementos da representação gráfica ainda nos anos iniciais, surge uma familiarização por parte desde sujeito ao passo que no decorrer de sua vida educacional em que ele for se



deparando com outros respectivos modelos de mapas, seja ele do mais simples ao mais complexo.

Simielli (2010) ainda afirma que os elementos que o aluno irá trabalhar para ter condições de ler um mapa, inicialmente seria de uma forma gradativa conhecendo primeiro condições de análise/localização e correlação. Aprender a se localizar e correlacionar esses lugares com outros momentos, uma forma bem proveitosa seria utilizar o interesse da criança por imagens e fotos, para tanto, ofertar recursos visuais para a criança é de grande valia. Tais como desenhos, fotos, tabelas, jogos, maquetes, imagens de satélite, com isso acostumando o aluno a linguagens visuais. Estas análises precisam ser feitas com calma pela criança, evitando pressa e superficialidade. O ensino da cartografia de forma construtiva deve ser iniciado nos anos iniciais com o estudo do espaço concreto, aquilo que é de mais próximo da criança, ou seja, espaço/escola, espaço/aula, espaço/bairro, para que no futuro tratar de espaços maiores como cidade, estado, município, países e mundo.

O que é relevante na verdade neste momento seria incentivar a oralidade, a participação, a capacidade de leitura de uma forma mais natural, incentivando a reflexão. Desta forma desmistificando a cartografia e tirando o foco da educação tradicional, esta que apresenta o conhecimento pronto e acabado. Uma forma de melhorias no ensino tradicional poderia ser evitando atividades de memorização para que a criança não seja veículo de reprodução.

## **2 ALFABETIZAÇÃO CARTOGRÁFICA**

Seria relevante trazer a realidade no qual a própria criança reconheça, sinta-se segura para descrever o que consegue ver, desta forma aprenderá de uma forma reflexiva e substancial. “Aprender a pensar o espaço. E para isso é importante aprender a ler o espaço, que significa criar condições para que a criança leia o espaço vivido” (Castellar, 2000, p. 30). A partir do momento em que trazemos uma realidade para a vida de uma criança e fazemos uma leitura de mundo e de espaço geográfico, estamos dando-lhes condições de aprendizado de uma forma em que este aluno verá de uma forma diferenciada os resultados de sua vida em sociedade.

Para que o professor venha trabalhar a Geografia de uma forma investigativa e alfabetizadora é preciso que o mesmo tenha mecanismos metodológicos instigantes e incentivadores para que possa trazer contextualização, reconhecer o saber do outro, nesse caso, do aluno e identificar que ali há um participante, pronto para repassar e

receber informações. É necessário ter dinâmica e acima de tudo não só a vontade de ensinar, é preciso capacidade de ler o mundo e suas transformações cotidianas.

Ler o mundo da vida, ler o espaço e compreender que as paisagens que podemos ver são resultado da vida em sociedade, dos homens na busca da sua sobrevivência e da satisfação das suas necessidades. Em linhas gerais, esse é o papel da geografia na escola (CALLAI, 2005, p. 228).

Se hoje, cientificamente nada é absoluto, é importante estar pronto para novas possibilidades. Ser um pesquisador para além dos muros do âmbito educacional. Possibilitar-se a conhecer novas histórias, permitir que o avanço e modificações nos levem a investigar e averiguar as várias vertentes de uma teoria, de se desprender da verdade absoluta. Pelo contrário somos semeadores do saber e para tanto é relevante trabalhar com o que é legítimo, trazendo conhecimentos no nível de ensino em que a criança está inserida.

O mapa ocupa um lugar de importância na vida do homem, porém, isso não é suficiente, precisamos ir além dos desenhos cartográficos e isso se dá a partir das leituras do espaço geográfico de uma praça, da rua onde moramos, da escola ou da sala de aula que é frequentada. De acordo com Callai (2014, p. 228), fazer leitura destes espaços nos tira de uma “visão limitada e nos remete a pensar como sociedade seja ela política, cultural e econômica”.

O processo de alfabetização cartográfica no ensino fundamental não deve ser tratado como um recurso secundário na construção de conhecimento do estudante. Não se pode dissociar as relações que perpassam o conhecimento de leituras geoespaciais dos conhecimentos de leituras comunicacionais ou dos processos de estruturação matemática. É relevante fazer tais observações porque não é incomum superestimar de forma isolada os conhecimentos de linguagem e matemática, até mesmo pela estrutura das diretrizes educacionais, de forma indireta.

Desse modo, reforçamos a relevância da alfabetização cartográfica nessa fase educacional que contribui de forma significativa para a formação do aluno. Esse processo de alfabetização desenvolve no docente, habilidades que contribuirão para o desenvolvimento de leitura de mundo e compreensão do seu universo social. Tal competência colabora não só para a construção do saber objetivo como também para o conhecimento analítico que estará relacionado ao espaço em sua volta e vale salientar com o processo de incentivo ao aprendizado de lateralidade, no qual a criança ao saber reconhecer o espaço que a rodeia poderá ter noções de localização de seu próprio corpo utilizando o mesmo.

É bem verdade que a polivalência do professor, ou seja, nessa jornada complexa no qual o professor precisa ter diferentes funções do ensino infantil tende a privilegiar a alfabetização linguística, mas propomos aqui uma observação de como a alfabetização cartográfica colabora no plano macroeducacional das habilidades de leitura. Assim abrindo caminho e ampliando possibilidades do desenvolvimento de conhecimentos transdisciplinares.

O interesse do educador pelas ciências manifesta-se de três maneiras diferentes. Em primeiro lugar, no que diz respeito à própria formação de cientistas. [...] Em segundo lugar, na medida em que as ciências lhe proporcionam um conhecimento mais preciso da realidade em que atua. Em terceiro lugar, na medida em que o próprio conteúdo das ciências pode construir-se num instrumento direto da promoção do homem (educação). É nesse sentido que as ciências como tais passam a figurar no currículo pedagógico (SAVIANI, 2007, p. 134-135).

Podemos perceber que pela afirmação de Saviani, não basta apenas o domínio específico da disciplina em que o professor atua, pelo contrário, a busca pela ciência deve ser dada de uma forma bem ampla para o educador. É imprescindível a procura de outros conhecimentos e de outras ciências para que o ajudem a tornar o seu ensino/aprendizagem uma contribuição de forma significativa para seus discentes.

Segundo Freire (2011), é importante que venhamos trabalhar com as crianças as incentivando a raciocinar a partir de suas representações, para que a partir desse senso, elas próprias possam identificar que são construtoras do saber e do conhecimento, que ao mesmo passo que aprendemos estamos construindo nossa própria história. A partir desta construção histórica possamos reconhecer o nosso espaço, aquele lugar em que estamos e ocupamos, o nosso lugar no mundo. com isso deixando assim de ser indivíduo para ser sujeito em seu meio social. “O exercício da curiosidade convoca a imaginação, a intuição, as emoções, a capacidade de conjecturar, de comparar na busca da perfilização do objeto ou do achado de sua razão de ser” (Freire, 2001, p. 98).

É importante nos apropriarmos do espaço Geográfico em que vivemos pois desta forma podemos refletir sobre as constantes mudanças que ocorrem em nosso dia a dia, em nosso meio, de sobre como estamos ligados diretamente a estas mudanças de espaços, vivemos inseridos constantemente e desta forma por algum motivo as vezes nos passa despercebido que mudamos juntos em meio a estas transformações. Milton Santos (1982), revela por exemplo o conceito de paisagem como algo que não estanque no espaço, e sim que a cada período histórico que passamos em nossas vidas essa paisagem se altera, se renova e se adapta a novas

mudanças sociais ao mesmo tempo em que o espaço em que vivemos é um resultado de nossas histórias de vida

Cada lugar combina variáveis de tempos diferentes. Não existe um lugar onde tudo seja novo ou onde tudo seja velho. A situação é uma combinação de elementos com idades diferentes. O arranjo de um lugar, através da aceitação ou da rejeição do novo, vai depender da ação dos fatores de organização existentes nesse lugar, quais sejam, o espaço, a política, a economia, o social, o cultural. (SANTOS, 1988, p. 98).

O que o aluno passa a viver fora de sua casa e da sala de aula, não é constituído, é construído. Beringuer (1991) ressalta que a paisagem que vemos hoje, não será a mesma que veremos amanhã, nem tão pouco é a que vimos ontem, pois a paisagem, ela é produzida e reproduzida ao longo dos tempos. Ou seja, vivemos em constante mudança e até para que possamos identificá-las precisamos estar atentos e cientes de como Geografia nos ensina a observar estes fatores importantes para o nosso reconhecimento de espaço, para que possamos ser alfabetizados geograficamente.

Existem fatores que podem ser determinantes para um processo de alfabetização, um desses é a razão para se aprender algo. No processo de alfabetização linguística, o texto que foi escrito pelo aluno é fruto de seu desenvolvimento então o estudante entende a importância de reconhecê-lo para desenvolver a comunicação na forma textual. Então, como instigá-lo na alfabetização cartográfica? Apresentando para o aluno a utilidade do mapa.

É importante que o objeto de conhecimento do assunto apresente uma utilidade prática para o dia a dia desse docente. Dando ao mesmo a noção de como pode ser utilizado como instrumento de conhecimento de forma gradativa desde o espaço de sala de aula, localização de objetos, lugares, áreas determinadas e expandindo para o pátio da escola, o prédio, e o caminho percorrido da casa do estudante à escola. Depois conceituando para o aluno que todas essas referências utilizadas para compreenderem o espaço, as localizações e trajetos consistem em mapas que inicialmente estão organizados mentalmente, mas logo dará origem ao mapa físico produzido pelo próprio aluno.

A proposta da alfabetização cartográfica consiste em não mostrar o mapa apenas por mostrar, não apenas o uso do desenho pelo desenho, e sim para que a criança use de uma forma dinâmica e consciente palavras de seu cotidiano para aprender a ler e escrever sendo associado com o uso da cartografia.

Compreender a escrita como o resultado do pensamento elaborado particularmente por cada pessoa é diferente de simplesmente escrever copiando. E aprender a representar o espaço é muito mais que simplesmente olhar um mapa, uma planta cartográfica. Saber como fazer a representação gráfica significa compreender que no percurso do processo da representação, ao se fazerem escolhas, definem-se as distorções. As formas de projeção cartográfica e o lugar de onde se olha o espaço para representar não são neutros, nem aleatórios. Trazem consigo limitações e, muitas vezes, interesses, que importa manter ou esconder. (CALLAI, 2005, p. 233).

Alfabetização cartográfica é justamente ensinar a criança reconhecer e a representar o espaço, é compreender suas próprias produções. Diferenciar mapa de desenho deve ser o passo seguinte já que o processo de confecção do mapa acontece em primeiro plano através de representações gráficas de cunho ilustrativo. Desse modo o conceito de mapa será apresentado com cada elemento que constituem o corpo físico do mapa. Tais como signos, escalas, legenda e as diferentes representações visuais diferenciada por cores e a Rosa dos Ventos.

Apresentar a criança diversos formatos de mapas, mostrar que cada um deles tem um nome e que este material não está desvinculado de sua realidade, não é um objeto em termos que ter estranheza e nos afastar por não conhecer, pelo contrário, precisamos mostrar para aquela criança que ela faz parte daquela construção política, e que é um instrumento de fácil manuseio no qual podemos utilizar em nosso cotidiano.

## **2.1 Tipos de Mapas**

É nessa etapa que o estudante aprenderá a diferenciar as representações ilustrativas de cada tipo de mapa de acordo com suas nomenclaturas. E até mesmo pelo código de representação como o mapa político que tem seu foco nos limites territoriais dos países, estados, cidades e o Distrito Federal, o qual é completamente distinto do mapa de relevo ou mapa físico que possui uma representação mais voltada para as estruturas geográficas, tais como planícies, planaltos, depressões, serras, cordilheiras etc. E ainda conhecer a vegetação que faz distinções entre cada bioma de uma determinada região. Diferenciação estas, determinadas por um conjunto de códigos representados por cores que definem os limites dos biomas e as bacias hídricas de uma área. Esses são os primórdios da alfabetização cartográfica que subsidia o aluno dos elementos necessários para a decodificação dos mapas. Contudo, o objetivo do ensino não se restringe a leitura superficial dos mapas, mas estende-se ao propósito de propiciar uma leitura mais crítica.

Inúmeras investigações , nacionais e internacionais, quando analisam os conteúdos e estratégias realizadas em sala de aula, revelam que sem

entender as relações espaciais topológicas , projetivas e euclidianas; sem compreender medidas, área e proporção, as variáveis visuais, por exemplo, se torna difícil , para estudantes, entenderem as intenções ou as subjetividades, dos mapas e os processos padrões geográficos. Os conceitos que organizam a cartografia escolar e as habilidades do pensamento espacial se relacionam com uma forma de perceber a noção de localização e as relações com o entorno, a legenda, a seleção e a hierarquização que estão relacionados aos critérios que estabelecem os símbolos e signos e que mostram o significado dos fenômenos representados, desse modo o estudante terá condição de aprender os conteúdos geográficos no momento em que conseguirá elaborar os seus próprios mapas e esquemas conceituais (CASTELLAR, 2017, p. 164-165).

Ler o lugar é uma das habilidades que atende a expectativa de ampliação das leituras do discente. Desse modo os processos de leituras trazem os conceitos virtuais para a realidade física do ambiente em que está inserido o indivíduo em questão, em que decodifica no espaço real as representações aprendidas graficamente. Assim o indivíduo iniciará o exercício do papel de sujeito em seu espaço social, já que é a partir desse processo de leitura que o sujeito compreenderá o mundo ao seu redor. Tal decodificação é importantíssima visto que precede a leitura da sociedade e leitura da paisagem para poder entender a sua região.

### **3 A IMPORTÂNCIA DO LIVRO DIDÁTICO**

Em algumas salas de aula o livro didático assumiu um papel muito importante, como instrumento de trabalho sendo uma peça muito conhecida na cultura das pessoas. Traz um aporte educacional para o professor, porém, é preciso usar com moderação. Este material impresso em uso serve como um apoio, um guia, mas não como instrumento único de prática pedagógica. É importante que o Professor tenha cautela no uso dos livros em que escolhe para ministrar suas aulas é válido ofertar conteúdos diferenciados para aproximar da realidade cotidiana de seu alunado.

[...] o livro didático ainda tem uma presença marcante em sala de aula e, muitas vezes, como substituto do professor quando deveria ser mais um dos elementos de apoio ao trabalho docente. Os conteúdos e métodos utilizados pelo professor em sala de aula estariam na dependência dos conteúdos e métodos propostos pelo livro didático adotado. Muitos fatores têm contribuído para que o livro didático tenha esse papel de protagonista na sala de aula. ... um livro que promete tudo pronto, tudo detalhado, bastando mandar o aluno abrir a página e fazer exercícios, é uma atração irresistível. O livro didático não é um mero instrumento como qualquer outro em sala de aula e também não está desaparecendo diante dos modernos meios de comunicação. O que se questiona é a sua qualidade. Claro que existem as exceções (ROMANATTO, 1987, p. 85).

Portanto, o professor pode escolher outros materiais para complementar o assunto que o livro didático aborda a fim de que seja feito um uso de vários recursos

educacionais, internet, revistas, livros de outros aspectos, comparar com outros exemplares de anos diferentes.

Tais produtos podem ser boas ferramentas para tirar dúvidas tanto do professor como do aluno e que possa ser incentivado o uso da pesquisa para ambos, ou seja que traga curiosidades para o discente e para o mediador, que eles se sintam instigados a investigar. Para isso, é de suma importância o despertar da curiosidade pois é ela quem traz o interesse. Quanto ao professor/mediador, que ele sinta a necessidade, a importância de se manter informado e atualizado em sua área e em outras, eis a importância da Formação continuada para Professores, vivemos em constantes mudanças e a cada momento surgem novas teorias e conceitos. Então tornar-se um sujeito investigativo a fim de que o Livro Didático seja um dos elementos a serem utilizados e não apenas se limitar a ele.

Além de serem usados para pesquisas também podemos utilizar exemplares diferentes do livro didático para que possa ser feito um comparativo de conceitos geográficos e de atividades, é válido lembrar que o professor não está em sala de aula para fazer juízo de valor, nem tão pouco para expor seu ponto de vista pessoal, nem doutrinar alunos em relação a alguns temas da geografia então por isso surge a importância e a necessidade de procurar conceitos diferenciados para que o aluno passe a ter acesso a vários tipos de conhecimentos e que, a partir disso, ele desenvolva o seu próprio saber.

É relevante que o professor venha atentar-se para o tipo de material didático que usará em sala de aula, o que este mediador ofertará como recurso para o aluno como afirma Libâneo (1994, p. 139) “Há uma distinção dos conteúdos de ensino para diferentes grupos sociais: para uns, esses conteúdos reforçam os privilégios, para outros fortalecem os espíritos de submissão e conformismo”. Atinar se as atividades são reflexivas, qual a corrente teórica que ancora o livro utilizado, se trabalha respeito a ideologia e gêneros, se oferta bagagem multicultural e se tem respeito a essas diferenças. Essas observações servem para apontar a que público aquele material foi direcionado. É notório ao observar que em algumas situações existem um uso exacerbado e até mesmo ingênuo do uso do livro didático, porém não podemos julgar a prática do professor e menos ainda rejeitar o livro didático.

Para boa parte dos professores brasileiros, o Livro Didático apresenta como uma insubstituível muleta. Na sua falta ou ausência, não se caminha cognitivamente na medida em que não há substância para ensinar. Coxos por formação e/ou mutilados pelo ingrato dia-a-dia do magistério, resta a

esses professores engolir e reproduzir a ideia de que sem a adoção do Livro Didático não há como orientar a aprendizagem (SILVA, 1996, p. 08).

Podemos afirmar que com a postura de alguns educadores, o uso excessivo do Livro didático é prejudicial pois tira a autonomia do professor. Dirigir todo seu trabalho didático-pedagógico centralizando-se apenas em um único livro dá a entender que este material é insubstituível, no qual, na realidade não é. Silva continua lembrando que:

O livro didático é uma tradição tão forte dentro da educação brasileira que o seu acolhimento independe da vontade e da decisão dos professores. Sustentam essa tradição o olhar saudosista dos pais, a organização escolar como um todo, o marketing das editoras e o próprio imaginário que orienta as decisões pedagógicas do educador. Não é à toa que a imagem estilizada do professor apresenta-o com um livro nas mãos, dando a entender que o ensino, o livro e o conhecimento são elementos inseparáveis, indicotomizáveis. E aprender, dentro das fronteiras do contexto escolar, significa atender às liturgias dos livros, dentre as quais se destaca aquela do livro “didático”: comprar na livraria no início de cada ano letivo, usar ao ritmo do professor, fazer as lições, chegar à metade ou aos três quartos dos conteúdos ali inscritos e dizer amém, pois é assim mesmo (e somente assim) que se aprende (SILVA, 1996, p. 08).

Esta situação de observar o livro didático como uma peça indissociável do conhecimento é uma cultura muito forte e muito presente em sala de aula, e segundo Silva (1996), alguns professores sentem-se perdidos com a ausência do livro. Como se o conhecimento destes profissionais só fosse construído a partir da utilização do livro didático.

A proposta dessa pesquisa não é definir o bom uso ou o mal-uso do livro didático, mas sim procurar esclarecer que este material é importante e em suma pode ser uma das fontes inesgotáveis de pesquisa e de utilização do professor em sala de aula para a construção do conhecimento com seus alunos. Fazendo assim com que a sua prática pedagógica no ensino de Geografia venha ser algo marcante e significativo na vida de seus educandos que o professor venha ser um facilitador da aprendizagem.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Aprender a ler o lugar, aprender a ler paisagens, entender regiões esta é a proposta de ter aulas significativas, apontar aos indivíduos qual o “seu lugar no mundo”. Para que com o decorrer do tempo e da aprendizagem a criança ainda em sua formação tenha conhecimento do significado do que é uma escala de mapas e da importância das legendas. A familiarização dos itens que compõe a Cartografia, preparando assim para que no futuro após a sua infância este sujeito venha ter



capacidade de identificar as diferenças de centros comerciais, bairros, periferias se assim consequentemente suas divisões sociais e políticas.

Para rompermos com algumas práticas tradicionais no ensino da Geografia, precisamos não apenas de boa vontade, é relevante que tenhamos concepções teóricas-metodológicas, reconhecer que somos capazes de permitir o crescimento e o saber do outro, perceber a capacidade de leitura de mundo de cada um. Inicialmente rever nossos conceitos e superar o que está exposto como verdade absoluta, pois trabalhamos com possibilidades em nosso dia a dia.

A alfabetização cartográfica nos propõe um ensino diferenciado, pois além de trabalharmos de uma forma dinâmica associando teoria e prática. Podemos perceber que existe um incentivo em relação a trazer o aprendizado para a vida cotidiana do alfabetizando ou seja o incentivo de aquele ser social se identifique como criador participativo da História o seu “eu no mundo”. A geografia precisa ser refletida sobre a sua representatividade na escola, no processo da alfabetização, transformar o ensino importante, significativo, propor a geografia como um componente curricular fundamental, pois esta mesma disciplina está presente em toda educação básica.

O uso do Livro didático nos traz um aporte para prática docente, mas temos que ter em vista que este mesmo produto não pode ser visto como único material de ensino e pesquisa em sala de aula. O professor precisa se considerar um pesquisador além dos muros da escola a fim de que ele seja construtor de conhecimento para ele e para seus discentes no intuito de que ele possa contribuir na construção daquele ser social.

## REFERÊNCIAS

CALLAI, Helenna Copetti. Direitos autorais na internet. Aprendendo a ler o mundo: A Geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. Cad. Cedes 227 Cad. Campinas: **Cedes**, vol. 25, n. 66, p. 227-247, maio/ago. 2005 Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br> Acesso em: 05 Mar. 2019.

CASTELAR, Sonia Maria Vanzella. Direitos autorais na internet. Educação Geográfica e pensamento espacial: conceitos e representações. Boa vista: **ACTA Geográfica**, Edição especial 2017. p.160-178.

CHOPPIN, Alain. **História dos livros e das edições didáticas**: Sobre o estado da arte. Educ. Pesquisa. {online}. 2004, vol.30, n.3, p. 549 – 566.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 18. ed. São Paulo: Paz & Terra, 2001.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar Projetos de pesquisa**. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LIBÂNEO, José Carlos :**Didática**, São Paulo: cortez.1994.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** 6.ed. São Paulo: Cortez, 2002.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E.D. A. Método de coleta de dados: observação, entrevista e análise documental. In:\_\_\_\_\_. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. São Paulo: E.P.U, 2012. p. 25 - 43.

ROMANATTO, Mauro, Carlos. **A noção de número natural em livros didáticos de matemática: comparações entre textos tradicionais e modernos**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de São Paulo, São Carlos – SP, 1987.  
[www.sbempaulista.org.br](http://www.sbempaulista.org.br)

SILVA, Ezequiel Teodoro. **Livro didático: do ritual de passagem à ultrapassagem**. In. Em Aberto – O livro didático e qualidade de ensino. Brasília: INEP, nº 69, ano 16, jan./fev., 1996.

SANTOS, M. **Pensando o espaço do homem**. São Paulo: Hucitec, 1982.

BERINGUER, C. e BERINGUER, P. (1991). **Manieres paysagere. s une methode d’etude, des pratiques**. In:GEODOC. Toulouse:université de Toulouse. p.5-25.

SAVIANI. D. **Educação: do senso-comum à consciência filosófica**. 17 ed. Campinas,SP. Autores associados, 2007.

SIMIELLI, Maria Elena Ramos. **Cartografia e ensino de geografia**1. p. 1-12. ano 2010. Disponível em: <https://poesionline.files.wordpress.com/2015/02/simielli-2010.pdf> Acesso em: 20 Jan. 2019

## **AGRADECIMENTOS**

“Vi mais longe por que me apoiei em ombros de gigantes”.

*Isaac Newton*

Chegando a esse momento, só tenho que agradecer a Deus por cada episódio vivenciado, foram quatro anos de muita correria e de grande sufoco, porém de aprendizado. Conquistei mais uma etapa na minha vida que servirá de experiência para os anos futuros. Findo esta graduação com a sensação de missão cumprida, tendo em mente que conquistei além do eu imaginava, foram muitas pessoas que contribuíram direta e indiretamente para que eu avançasse como pessoa, como graduanda, como profissional e hoje só posso ofertar o meu melhor para elas.

Agradeço a meus colegas de curso que com passar dos dias fui percebendo que alguns não eram apenas colegas, eu construí grandes amizades, fortes laços. Principalmente aqueles que vivenciei ótimos e fortes momentos tais como meus amigos Fabrício, Júnior, Elisandra, menina Tânia e Ângela. Foram ótimos momentos

juntos que levarei no meu coração, com eles aprendi a ter apreço pelos momentos mais simples da vida, transformar tudo em significado e respeitar a individualidade de cada um inclusive as nossas diferenças de crença, ritmo de vida e culturas. Em especial agradeço a minha amiga Érica, que nos momentos em que pensei em fraquejar vinha ela com um grande apoio, na verdade nos apoiamos mutuamente a melhor amiga de curso e melhor amiga e inquilina da minha vida que eu poderia ter, ganhei uma irmã.

Tenho muito a agradecer a meus pais Sr. Paulo e dona Bia, aos quais me deram o alicerce emocional que tenho hoje e que sempre me apoiaram muito, eles são exemplo de perseverança e de caráter e aprendi com eles a não desistir. Minhas irmãs Girlene e Girmeri, minhas sobrinhas Allanna, Hedllen que tenho tanto amor e que acreditam nos meus esforços e lutam junto comigo a cada dia. Espero sempre ser um suporte nos momentos que precisarem, é por vocês que tento ser um ser humano melhor a cada dia.

Agradeço ao grande apoio moral e ao carinho de minha querida cunhada Aquilla que na verdade a tenho como uma grande amiga e sua filha Helloá que aprendi a ser tia do coração e na verdade ela quem me escolheu e como sou grata a esse amor tão puro! Sei que não tenho palavras para expressar o que sinto por cada um destes citados, não conseguiria descrever jamais o carinho que tenho, sinto uma grande gratidão por ter nascido na família certa, e por ter os amigos certos. Amo muito vocês.

Não posso deixar de dar o meu muito obrigada, com letras garrafais, ao meu amado esposo, fico pensando: como um ser humano pode ser tão paciente, como pode um indivíduo ser tão bom? Pois meu esposo Átilla é esta pessoa. Obrigada marido por tudo. Foram meus os momentos de estresse, ausência, correria, atrasos e reclamações, mas eu sabia que você estava lá para me ouvir, me apoiar e me suportar. Sei o quanto foi difícil para você, porém muito importante para mim, tenho consciência de como fostes companheiro. Dedico a você este trabalho, pois acredito que muito do que aprendi na vida e inclusive em alguns momentos para recobrar a sanidade e acreditar em mim mesma partiu de seus incentivos.

Sinto uma grande felicidade por terminar este ciclo, aliviada na verdade e grata de certa forma por ter tido grandes mestres que conheci na jornada acadêmica que me serviram de exemplo como profissionais apaixonados pela docência. Não podendo deixar de citar a minha orientadora Prof<sup>a</sup> Dra. Paula Rejane Lisboa da Rocha que me

auxiliou em todo processo do TCC, sem ela não seria possível esse trabalho ser finalizado, carregarei comigo como aporte o seus ensinamentos e seu exemplo de como ser um bom mediador e profissional para o futuro e para vida. Muito grata também ao Prof. Dr. Anderson Fernandes de Alencar pelos incentivos que me foram dados nessa longa jornada, a ele todo o sucesso e vida longa. E ao professor Samuel, por participar da banca, colaborando para o progresso paulatino da minha pesquisa que não se encerra nessa etapa.

Com meus novos amigos aprendi a ganhar, a perder, a ter paciência, a saber que cada pessoa entende e aprende no seu tempo, aprendi principalmente a compartilhar e espero que estas amizades que conquistei ao longo do caminho sejam muitos prósperos e suas vidas e que se realizem em cada etapa vivida.